

Brasileiros valorizam aspecto emocional

CRISTINA PORTELLA

Rotulada durante muitos anos como deficiente mental, a criança hiperativa no Brasil recebe hoje um tratamento diferenciado e cuidadoso por parte dos especialistas. "A hiperatividade não pode ser considerada uma doença", afirma o neurologista Saul Cypel, do Hospital das Clínicas de São Paulo. Na raiz dos sintomas — a inquietude e a incapacidade de fixar a atenção —, Cypel diagnostica graves problemas emocionais. "Cada caso precisa ser analisado individualmente", diz ele.

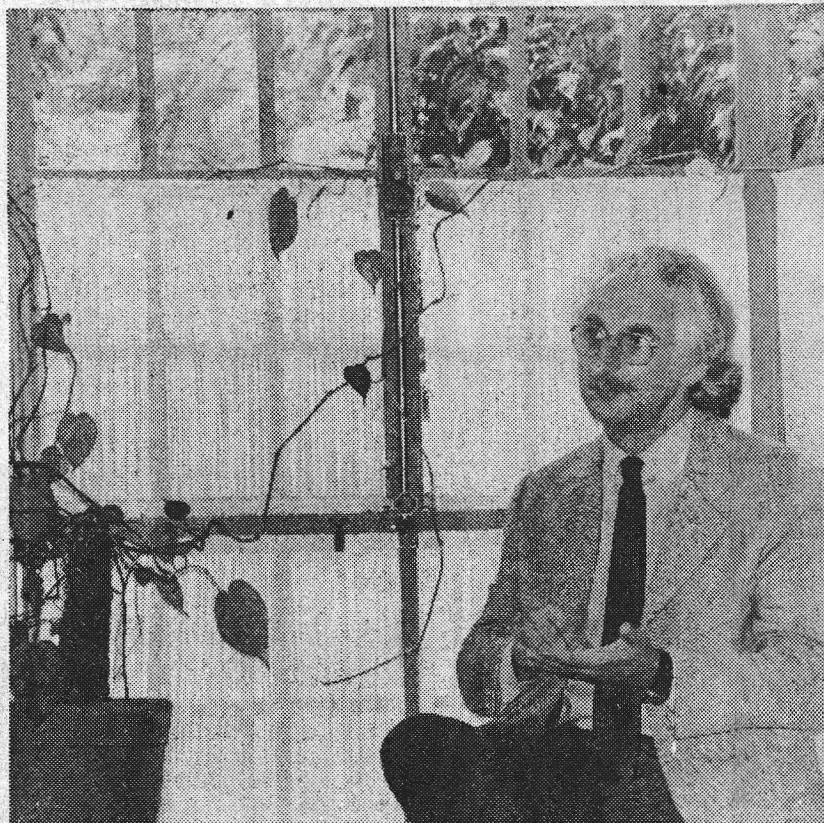
"Acredito que 40% das crianças possam ser curadas se os pais fizerem terapia", garante o neurologista Conrado de Azevedo Sousa, do Hospital Municipal do Jabaquara. Sousa não descarta a existência de disfunções neurológicas para explicar o comportamento de muitos hiperativos, mas não considera as causas orgânicas como as mais importantes.

Segundo uma teoria muito aceita nos Estados Unidos, a hiperatividade seria a consequência da baixa concentração de neurotransmissores — substâncias que conduzem os estímulos nervosos — entre os neurônios, o que dificultaria o caminho desses estímulos até o cérebro. "Essa teoria não foi comprovada", argumenta Cypel, para quem os fatores familiares e sociais seriam determinantes.

ESTIMULANTE

A explicação dos neurologistas não impede a prescrição, em alguns casos, de medicamentos que aumentem a concentração da criança, como a Ritalina, um estimulante do sistema nervoso. "Apesar de ser um excitante, a Ritalina produz o efeito oposto na criança hiperativa, dirigindo sua atenção", diz Sousa. Seu uso só seria indicado quando associado no tratamento psicológico e, mesmo assim, durante um período limitado.

A relutância dos médicos em receitar Ritalina, ou qualquer outro medicamento, explica-se por uma tarja negra no invólucro do medicamento, indicando que o seu conteúdo pode gerar dependência física e psicológica. A falta de apetite e a consequente perda de peso são alguns dos efeitos colaterais



Célio Jr./AE

Cypel: hiperatividade não é doença

comprovados. No receio dos médicos provavelmente está a explicação para a lenta penetração do remédio no País. Segundo dados da Ciba-Geigy, que o fabrica, em 1988, foram vendidas para as farmácias 13.585 caixas — um número irrisório se comparado ao registrado nos Estados Unidos, onde se estima que cerca de 800 mil crianças façam uso do remédio.

Apesar da inexistência de estatísticas no País, os médicos são unânimes em afirmar que os hiperativos são cada vez mais frequentes em seus consultórios. "Até os três anos, os sintomas mais frequentes são os distúrbios do sono e as dificuldades alimentares", observa Cypel. Crianças dóceis quando bebês também podem tornar-se hiperativas mais tarde. Nesse caso, o alerta é geralmente dado por terceiros, principalmente amigos e professores.

INTOLERÂNCIA

"Depois de receberem vários bilhetes da escola reclamando que seus filhos não paravam em classe e não fazem as li-

ções, os pais compreendem que algo está errado", conta o neurologista. "Vivemos em uma época em que as famílias adotam posturas extremas, que variam da completa permissividade à total intolerância", opina a psicóloga Margarida Windholz, da Universidade de São Paulo. "A ausência de autoridade causa insegurança e a rigidez absoluta gera ansiedade", diz Margarida.

Para os especialistas, não se trata de culpar os pais, mas de conscientizá-los de sua responsabilidade na recuperação das crianças. "Muitas vezes eles se tornam cúmplices e reféns de seus próprios filhos", analisa Cypel. Essa responsabilidade deve ser compartilhada pela escola. "É preciso respeitar o ritmo de apreendimento da criança, sem humilhá-la", aconselha Margarida. Segundo os especialistas, o hiperativo possui uma inteligência normal, e a sua incapacidade na escola estaria relacionada com a dificuldade de concentração e a ansiedade provocada pelo acúmulo de fracassos.